

À morte ninguém escapa,
Nem o rei, nem o papa,
Mas escapo eu.

Lengalenga infantil

O nevoeiro levantou-se do mar e sufocou a cidade. Surgiu como um exército invasor, devorando os pontos de referência locais, ocultando a Lua, transformando Southampton numa terra estranha e perturbante.

A propriedade industrial de Empress Road apresentava-se tranquila como um túmulo. As oficinas já tinham encerrado nesse dia, os mecânicos e os funcionários do supermercado tinham partido e as mulheres da vida impunham agora a sua presença. Com saias curtas e tops reduzidos, davam longas passas nos seus cigarros, aproveitando ao máximo todo o calor que de lá extraíssem para se protegerem do frio de rachar. Andando de um lado para o outro, não poupavam esforços para vender os seus serviços sexuais, mas na escuridão pareciam mais fantasmas esqueléticos do que objetos de desejo.

O homem conduziu vagorosamente, com o olhar a esquadrinhar a fila de drogadas seminuas. Avaliou-as — por vezes acochado por um reconhecimento fugaz — e depois desinteressou-se. Não eram aquilo que ele procurava. Naquele dia procurava algo especial.

O medo e a frustração acabaram com a esperança. Nos últimos dias não tinha pensado em mais nada. Estava tão perto, mas e se tudo não passasse de uma mentira? De um mito urbano? Socou violentamente o volante. Ela *tinha* de ali estar.

Nada. Nada. Na...

Ali estava ela. Sozinha, encostada à parede coberta de *graffiti*. O homem sentiu-se subitamente entusiasmado. Aquela tinha algo de diferente. Não estava a olhar para as unhas nem a fumar ou a coscuvilhar. Estava simplesmente à espera. À espera de que acontecesse algo.

Ele saiu da rua e estacionou fora da vista junto a uma vedação gradeada. Teria de ser cuidadoso. Nada poderia ser deixado ao acaso. Observou as ruas das imediações à procura de sinais de vida, mas o

nevoeiro eliminara-os por completo. Parecia até que eles eram as duas únicas pessoas que haviam restado no mundo.

Atravessou a rua na direção dela e depois, verificando se estava tudo em ordem com ele, abrandou o passo. Não podia apressar as coisas: era algo para saborear e apreciar. A expectativa por vezes era mais agradável do que o próprio ato — aprendera com a experiência. Com aquela, deveria levar o seu tempo. Nos dias que se seguiriam, iria querer passar em revista as recordações, com o máximo de precisão possível.

Ela estava enquadrada por uma fileira de casas abandonadas. Já ninguém queria viver por aquelas bandas e aqueles lares apresentavam-se agora ocios e imundos. Não passavam de antros de *crack* e de albergues noturnos, peçados de seringas sujas e de colchões ainda mais imundos. Ao atravessar a rua na direção dela, a rapariga olhou para cima, espreitando por entre a sua franja cerrada. Desencostando-se da parede, ela nada disse, limitando-se a apontar com a cabeça para a carcaça de uma casa mais próxima antes de lá entrar. Não houve negociações nem preâmbulos. Foi como se ela estivesse resignada ao seu fado. Como se já *soubesse*.

Apressando-se para não ficar para trás, o homem absorveu o traseiro dela, as pernas, os tacões, com a sua excitação num crescendo contínuo. Assim que ela desapareceu na escuridão, ele estugou o passo. Não podia esperar mais.

As tábuas do soalho rangeram ruidosamente assim que ele entrou. A casa em ruínas era como a imaginara nas suas fantasias. Um odor opressivo a humidade invadiu-lhe as narinas — tudo naquele local apodrecera. Ele dirigiu-se apressadamente à sala de estar, agora um depósito de fios dentais e preservativos. Não havia sinais dela. Então iam brincar às escondidas?

Foi à cozinha. Nada. Voltando-se, ele saiu em passos largos e subiu as escadas até ao 2.º andar. A cada passo, olhava rapidamente para todos os lados, à procura da sua presa.

Dirigiu-se ao quarto da frente. Uma cama cheia de bolor, uma janela partida, um pombo morto. Mas nenhum sinal da rapariga.

A fúria começou a engalfinhar-se com o desejo. Quem era ela para andar assim a brincar com ele? Não passava de uma vulgar prostituta. Merda de cão no sapato dele. Ia fazê-la sofrer por tratá-lo daquela forma.

Empurrou para trás a porta da casa de banho — nada —, depois deu a volta e dirigiu-se ao segundo quarto. Ia esmagar a estúpida ca...

De repente, a cabeça dele foi puxada para trás. Sentiu a dor a percorrer-lhe o corpo — estavam a puxar-lhe o cabelo com muita força, obrigando-o a recuar, a recuar, a recuar. Não conseguia respirar: taparam-lhe a boca e o nariz com um trapo. Um cheiro intenso e penetrante infiltrou-se-lhe pelas narinas. O instinto despertou demasiado tarde. Debateu-se pela vida, mas já estava a perder a consciência. E de repente ficou tudo às escuras.

2

Estavam a observar todos os gestos dela. Atentos a todas as palavras.

— O corpo pertencia a uma mulher, com idade entre os 20 e os 25 anos. Foi encontrada ontem de manhã por um funcionário do Apoio Comunitário na mala de um carro abandonado nos terrenos da Greenwood.

A voz da inspetora-detetive Helen Grace era clara e forte, apesar da tensão que lhe atormentava o estômago. Estava reunida com a equipa de Incidentes Graves no 7.º andar da Esquadra Central da Polícia de Southampton.

— Como podem ver pelas fotografias, os dentes dela foram partidos, provavelmente com um martelo, e as mãos foram decepadas. Tem um monte de tatuagens, o que pode ajudar a identificá-la, e vocês, para começar, devem centrar os vossos esforços em drogas e prostituição. Parece um assassinio relacionado com gangues e não um homicídio corriqueiro. O sargento-detetive Bridges vai liderar este caso e pôr-vos a par de pessoas que podem estar relacionadas. Tony?

— Obrigado, senhora inspetora. Comecemos pelo princípio, quero verificar os antecedentes...

Assim que o sargento-detetive Bridges tomou conta das operações, Helen escapuliu-se.

Mesmo depois de tanto tempo, não suportava ser o centro das atenções, dos mexericos e das intrigas. Decorrera praticamente um ano desde que pusera fim à vaga de assassinios de Marianne, mas o interesse por Helen era mais intenso do que nunca. Deter uma assassina em série era só por si impressionante, mas matar a tiro a própria irmã para atingir esse fim era outra coisa. No rescaldo imediato, amigos, colegas, jornalistas e estranhos apressaram-se a demonstrar a sua compaixão e apoio. Mas, basicamente, foi tudo uma encenação — o que todos queriam era saber mais *pormenores*. Queriam abrir e dissecar

Helen: «Como foi matar a sua irmã?», «Foi abusada pelo seu pai?», «Sente-se culpada por todas aquelas mortes?», «Sente-se *responsável*?».

Helen passara toda a sua vida de adulta a erigir uma muralha bem alta em redor de si própria — até o nome «Helen Grace» era inventado —, mas graças a Marianne essa muralha fora irremediavelmente derrubada. De início, Helen sentira-se tentada a fugir — fora-lhe dada a possibilidade de partir, uma transferência, até um acordo para uma reforma antecipada —, mas, de certa maneira, conseguiu recompor-se, retomando o trabalho na Esquadra de Southampton assim que lhe deram autorização. Ela sabia que, independentemente de para onde fosse, teria a incidir sobre si os olhares do mundo. Mais valia ser sujeita ao escrutínio em terreno conhecido, onde ao longo de tantos anos lhe correria bem a vida.

Em teoria, assim seria, mas na prática não se revelou tão fácil. Havia ali tantas recordações — de Mark, de Charlie —, e tantas pessoas ansiavam por esquadrinhar, especular ou até gozar com a provação por que passara. Mesmo agora, meses depois de ter regressado ao trabalho, houve alturas em que teve simplesmente de afastar-se.

— Boa noite, minha senhora.

Helen virou-se repentinamente, pois esquecera-se do sargento de serviço ao balcão por quem acabava de passar.

— Boa noite, Harry. Espero que os Saints hoje à noite se lembrem de como se ganha um jogo, para lhe dar uma alegria.

O seu tom de voz revelou-se animado, mas as palavras soaram estranhas, como se o esforço por parecer desenvolta fosse excessivo para ela. Apressando-se a sair, montou a sua *Kawasaki* e, dando gás, acelerou ao longo de West Quay Road. O nevoeiro que antes subira do mar colara-se à cidade e Helen desapareceu no seu interior.

Mantendo uma velocidade elevada mas estável, deslizou por entre o trânsito que se arrastava na direção de St. Mary's Stadium. Ao chegar aos arredores da cidade, virou para a autoestrada. A força do hábito levou-a a olhar pelos retrovisores, mas ninguém a seguia. Quando o trânsito se tornou mais fluido, acelerou. Ao atingir os 130 km/h, fez uma breve pausa antes de subir para os 145 km/h. Nunca se sentia tão descontraída como quando viajava a alta velocidade.

Deixou para trás sucessivas povoações. Winchester e depois Farnborough, até Aldershot começar a formar-se à sua frente. Mais uma verificação rápida aos espelhos e dirigiu-se então ao centro da cidade.

Estacionando a sua moto no Parque NCP, Helen esquivou-se a um grupo de bêbedos e despachou-se a seguir em frente, mergulhando nas sombras. Ali, ninguém a conhecia, mas, ainda assim, não podia correr riscos.

Passou diante da estação de comboios e não demorou a chegar a Cole Avenue, no coração dos subúrbios de Aldershot. Não tinha a certeza de estar a fazer o mais indicado, mas sentira-se compelida a regressar. Instalando-se no meio da vegetação rasteira presente num dos lados da rua, ocupou a sua habitual posição estratégica.

O tempo foi-se arrastando. O estômago de Helen rugiu, e ela percebeu que já não comia nada desde o pequeno-almoço. Que estupidez, estava a ficar cada vez mais magra. O que queria provar a si própria? Havia formas melhores de expiação do que deixar-se morrer à fome.

De repente, deu-se um movimento. Um «adeus» gritado e depois a porta do número 14 a bater com força. Helen agachou-se. O seu olhar permaneceu colado ao jovem que percorria apressadamente a rua, digitando números no seu telemóvel. Passou a uns três metros à frente de Helen, sem nunca se aperceber da sua presença, antes de desaparecer para lá da esquina. Helen contou mentalmente até 15 e depois abandonou o seu esconderijo para persegui-lo.

O homem — um rapaz de 25 anos — era atraente, com cabelo grosso escuro e um rosto redondo. Vestido de forma descontraída, com os *jeans* a cair-lhe pelo rabo, era igual a tantos outros jovens, desesperado por mostrar um ar relaxado e desinteressado. Helen sorriu levemente perante toda aquela descontração estudada.

Surgiu-lhe à vista um grupo de rapazes arruaceiros, parados no exterior de Railway Tavern. Duas libras por uma cerveja, 80 *pence* por um *shot* e bilhar à borla: era uma meca para os jovens tesos e desonestos. O dono, já de certa idade, ficava todo contente por poder servir qualquer um que atingisse a puberdade, por isso o lugar estava sempre cheio, com o pessoal a espalhar-se pela rua. Helen ficou satisfeita com aquela cobertura, infiltrando-se no meio das pessoas para observar sem ser detetada. Os animados rapazes saudaram o jovem com aplausos quando ele lhes acenou com uma nota de 20 libras. Eles entraram e Helen seguiu-os. Aguardando pacientemente na fila para o bar, tornou-se invisível para eles — quem quer que tenha mais de 30 anos é como se não existisse.

Após um par de bebidas, o bando afastou-se dos olhares indiscretos do *pub* e dirigiu-se a um parque infantil nos arredores da cidade. O já degradado parque urbano encontrava-se deserto e Helen teve de seguir os rapazes com todas as cautelas. Qualquer mulher a vaguear sozinha à noite num parque iria sem dúvida atrair as atenções, por isso Helen deixou-se ficar para trás. Encontrou um velho carvalho, severamente talhado com inscrições de namorados, e deixou-se ficar na sombra. Dali, poderia observar sem ser incomodada, enquanto o grupo fumava droga, feliz e descontraído, apesar do frio.

Helen passara toda a sua vida a ser vigiada, mas ali estava invisível. No rescaldo da morte de Marianne, tinham-lhe furtado a vida para consumo público. Graças a isso, as pessoas achavam que a conheciam a fundo.

Mas havia algo que desconheciam. Um segredo que guardara só para si.

E ele estava agora a menos de cinco metros dela, completamente alheio à sua presença.

3

Pestanejou ao abrir os olhos, mas não conseguiu ver nada. Escorreu-lhe líquido pela face enquanto os seus globos oculares se reviraram infrutiferamente nas cavidades. Não conseguiu ouvir absolutamente nada, como se lhe tivessem enchido os ouvidos de algodão. Tentando recuperar a consciência, o homem sentiu uma dor agonizante rasgar-lhe a garganta e as narinas. Uma forte sensação de ardência, como se tivesse uma chama alojada na laringe. Apeteceu-lhe espirrar, vomitar, cuspir o que quer que fosse que o atormentava. Mas encontrava-se amordaçado, com a boca bem atada com fita adesiva, pelo que teve de engolir a dor.

O fluxo de lágrimas acabou por cessar e os seus olhos confusos começaram a interiorizar o que havia nas suas imediações. Ainda estava na casa devoluta, mas agora encontrava-se no quarto da frente, prostrado na cama imunda. Tinha os nervos em franja e debatia-se freneticamente — tinha de fugir dali —, mas os seus braços e pernas estavam atados à armação de ferro da cama. Deu saltos, puxou e contorceu-se, mas as cordas de nylon mantiveram-no bem preso.

Só então se apercebeu de que estava nu. Foi acometido por um pensamento terrível: será que iriam abandoná-lo ali naquelas condições? Até morrer de frio? A sua pele já erguera as defesas — estava com pele de galinha devido ao frio e ao medo —, e percebeu como o ambiente se encontrava gelado.

Gritou o mais que pôde, mas só conseguiu gerar um som abafado que pareceu um zumbido. Se pelo menos conseguisse falar com eles, tentar chamá-los à razão... poderia arranjar-lhes mais dinheiro e então libertá-lo-iam. Não podiam abandoná-lo ali *assim*. A humilhação infiltrou-se então no medo quando observou o seu corpo inchado de meia-idade esticado sobre aquele edredão manchado.

Esforçou-se por ouvir, na esperança, pouco fundada, de que não estivesse sozinho. Mas não ouviu nada. Tinham-no abandonado. Quanto

tempo é que iriam deixá-lo ali? Até lhe esvaziarem todas as contas? Até se escaparem? O homem estremeceu, já a temer a perspectiva de implorar a algum drogado ou prostituta pela sua libertação. O que diria à sua família? À polícia? Amaldiçoou-se amargamente por ser tão completamente estúpido...

O soalho rangeu. Portanto, *não* estava sozinho. Sentiu a esperança a apossar-se de si — talvez agora conseguisse descobrir o que queriam. Esticou o pescoço para olhar em volta e tentar ver quem o atacara, mas aproximaram-se por detrás e permaneceram fora de visão. De repente, lembrou-se de que a cama a que fora atado tinha sido empurrada para o meio do quarto, como se fosse o palco central de um espetáculo. Ninguém poderia querer dormir com a cama naquela posição, por isso, porque...?

Abateu-se uma sombra. Antes de conseguir reagir, passou-lhe algo sobre os olhos, o nariz, a boca. Uma espécie de capuz. Sentiu o tecido macio no rosto, o cordão a ser retesado. O homem já estava a lutar para respirar, com o veludo grosso a pousar nas narinas irritadas. Abanou furiosamente a cabeça para um lado e para o outro, debatendo-se para criar uma pequena bolsa para respirar. A qualquer momento esperava que o cordão fosse ainda mais apertado, mas, para sua surpresa, nada sucedeu.

E agora? O silêncio voltara a instalar-se, excetuando a respiração ofegante do homem. Começava a ficar quente dentro do capuz. O oxigénio era capaz de entrar ali. Obrigou-se a respirar vagarosamente. Se entrasse em pânico, poderia hiperventilar e então...

De repente, retraiu-se, com os nervos em franja. Algo frio pousara-lhe na coxa. Algo duro. Algo metálico? Uma faca? Agora subia-lhe pela perna, em direção... O homem começou a contorcer-se furiosamente, rasgando os músculos ao torcer as cordas que o prendiam. Percebeu então que lutava pela vida.

Guinchou o mais que pôde. Mas a fita adesiva silenciou-o. Os laços não cederam. E não havia ninguém para ouvir os seus gritos.

— **N**egócios ou prazer?
 Helen rodopiou, com o coração aos saltos. Ao subir a escadaria às escuras até ao seu apartamento, supôs que estaria sozinha. A irritação por ter sido surpreendida misturou-se com um breve assomo de ansiedade... mas tratava-se apenas de James, que estava à porta de sua casa. Mudara-se para o apartamento por baixo do dela há três meses e, sendo ele enfermeiro no Hospital South Hants, tinha horários fora da norma.

— Negócios — mentiu ela. — E tu?

— Negócios que achei que se iriam transformar em prazer. Mas... ela acabou de se ir embora de táxi.

— Que pena.

James encolheu os ombros e mostrou um sorriso contrafeito. Já ia nos trinta e muitos e era atraente no seu jeito mal-arranjado, com um encanto descontraído que por norma funcionava com as enfermeiras mais novas.

— São questões de gosto — prosseguiu ele. — Achei que tinha gostado de mim, mas nunca tive muito jeito para ler as pessoas.

— Ai sim? — reagiu Helen, sem acreditar numa única palavra.

— Bem, seja como for, queres companhia? Tenho uma garrafa de vinho que... chá, tenho chá... — disse ele, corrigindo-se.

Até àquele ponto, Helen poderia sentir-se tentada. Mas a correção irritou-a. James era igual a todos os outros: sabia que ela não bebia, sabia que preferia chá a café, sabia que era uma assassina. Mais um *voyeur* a olhar para a desgraça que era a vida dela.

— Adoraria — mentiu ela de novo —, mas tenho um monte de ficheiros para ler antes do meu próximo turno.

James sorriu e fez uma vénia de submissão, mas percebeu o que se passava. E sabia que não deveria forçar. Olhou com uma curiosidade não disfarçada enquanto Helen saltou os degraus até ao apartamento

dela. A porta de entrada fechou-se de uma forma que deixou perceber que não voltaria a abrir-se.

O relógio marcava 5h00 da manhã. Aconchegada no seu sofá, Helen bebeu um grande trago de chá e ligou o computador portátil. Começou a sentir os primeiros sinais de fadiga, mas tinha trabalho a fazer antes de ir deitar-se. O sistema de segurança do seu portátil era elaborado — uma muralha inexpugnável cercava o que restava da sua vida privada —, e Helen levou o seu tempo, apreciando o complexo processo de introdução de palavras-passe e de abertura de cadeados digitais.

Abriu o seu ficheiro sobre Robert Stonehill. O jovem que estivera a vigiar antes nem sabia que ela existia. Helen começou a escrever, dando cada vez mais substância ao retrato dele, acrescentando todos os pormenores sobre o caráter e a personalidade dele que absorvera na sua última ronda de vigilância. O rapaz era inteligente — isso percebia-se de imediato. Tinha um bom sentido de humor e, embora estivesse sempre a dizer palavrões, era perspicaz e exibia um sorriso triunfante. Era muito bom a levar as pessoas a fazerem o que queria. Num bar, nunca ficava numa fila para ir buscar uma bebida: arranjava sempre quem fizesse as coisas por ele, enquanto ficava na galhofa com Davey, o tipo atarracado que era nitidamente o líder do gangue.

Robert sempre parecera endinheirado, o que era estranho dado que trabalhava como repositor num supermercado. Aonde é que ele ia buscar dinheiro? Roubava? Algo pior? Ou seria apenas mimado pelos pais? Era o único filho de Monica e Adam — o centro do mundo deles — e Helen sabia que fazia deles o que quisesse. Seria dessa forma que obteria os seus fundos aparentemente ilimitados?

Havia sempre raparigas à volta dele — era bem constituído e atraente —, mas não tinha uma namorada propriamente dita. Esta era a área que mais interessava a Helen. Seria heterossexual ou *gay*? De confiança ou de desconfiar? Iria ele permitir que se aproximasse dele? Era uma pergunta para a qual Helen não tinha resposta, mas estava confiante de que iria descobri-la. Estava lenta e metodicamente a imiscuir-se em todas as facetas da vida de Robert.

Helen bocejou. Não tardaria a ter de regressar à esquadra, mas ainda disporia de umas poucas horas de sono se se enfiasse já na cama. Com uma facilidade devida à prática, correu os programas de encriptação do computador, fechou os seus ficheiros e depois alterou a palavra-passe principal. Agora, mudava-a sempre que utilizava o

computador. Sabia que era um exagero, que estava a ser paranoica, mas recusava-se a arriscar fosse o que fosse. Robert era dela e só dela. E era assim que queria que permanecesse.

5

O dia já despontava, por isso ele teve de se despachar. Dentro de uma ou duas horas, o sol já teria dissipado o denso nevoeiro, expondo o que se ocultava no seu seio. Tinha as mãos a tremer, doíam-lhe as articulações, mas obrigou-se a avançar.

Roubara o pé de cabra de um armazém de ferragens em Elm Street. O tipo indiano à frente do negócio estava demasiado ocupado a apreciar críquete no seu *tablet* para o ver a enfiá-lo dentro do casaco comprido. Soube-lhe bem sentir o toque do metal rijo e frio, e agora dava duro com ele, para a frente e para trás, atacando as grades enferrujadas que protegiam as janelas. A primeira barra foi facilmente derrubada, a segunda exigiu mais esforço, mas rapidamente surgiu espaço suficiente para lá caber um corpo. Teria sido mais fácil dar a volta e forçar a entrada, mas não se atreveria a ser visto nas ruas das imediações. Devia dinheiro a muita gente — pessoas que teriam todo o gosto em fazê-lo em picadinho. Por isso, avançou pelas sombras, como todas as criaturas da noite.

Verificou uma vez mais se a costa se apresentava livre e depois lançou o pé de cabra pela janela. Escutou com prazer o tilintar do embate. Envolvendo a mão numa toalha velha, rapidamente se livrou dos restos dos vidros, antes de se içar pelo parapeito e entrar.

Pousando suavemente os pés, hesitou. Nunca se sabe o que se poderá encontrar em locais como aquele. Não havia sinais de vida, mas era necessário ter cautela, pelo que segurou o pé de cabra com firmeza conforme foi avançando. Na cozinha, não havia nada de útil, por isso passou rapidamente para o quarto da frente.

Este revelou-se mais promissor. Colchões abandonados, preservativos usados e junto deles as suas habituais parceiras: seringas já utilizadas. Sentiu a esperança e a ansiedade a escalarem em igual medida. *Por favor, Deus, que haja restos suficientes para fazer uma boa dose.* De repente, já estava de quatro, a puxar os êmbolos e a enfiar o

dedo mindinho lá dentro, desesperadamente a remexer à procura de um pedacinho de heroína para lhe aliviar o sofrimento. Na primeira, não havia nada, nem na segunda — *raios partam!* — e um dedo cheio na terceira. Tanto esforço por um dedo dela. Satisfeito, esfregou-a nas gengivas — por ora, teria de servir.

Deixou-se afundar no colchão imundo e esperou que o entorpecimento se apoderasse dele. Já há horas que tinha os nervos em franja, com a cabeça a latejar. Queria, necessitava de alguma paz. Fechou os olhos e expirou vagorosamente, ansiando por que o seu corpo relaxasse.

Mas algo não estava bem. Algo não permitia que ele relaxasse. Algo estava...

Um gotejar. Ali estava. Um som. Lento mas persistente, a perturbar o silêncio, a tamborilar um alerta constante.

Um gotejar. De onde é que viria? Moveu rapidamente os olhos para um lado e para o outro.

Algo pingava no canto mais distante do quarto. Seria uma fuga de água? Tentando esquecer a irritação, levantou-se a custo. Valia a pena verificar: poderia ser algum cano de cobre a chamar por ele.

Aproximou-se rapidamente e depois estacou. Não era uma fuga de água. Não era água. Era sangue. A gotejar incessantemente do teto. Rodopiando, afastou-se rapidamente — *foda-se, não tenho nada a ver com isto* —, mas abrandou assim que chegou à cozinha. Talvez estivesse a precipitar-se. Afinal de contas, encontrava-se armado e não havia sinais de movimento lá em cima. Poderia ter acontecido qualquer coisa. Alguém poderia ter-se matado, ter sido violentamente assaltado, assassinado, o que quer que fosse. Mas poderia haver lá despojos à espera de alguém como ele e não poderia ignorar isso.

Um momento de hesitação, e depois o ladrão deu a volta e cruzou a divisão, desviando-se, a caminho do corredor, da espessa poça de sangue a coagular. Enfiou a cabeça para espreitar, com o pé de cabra erguido para atacar ao primeiro sinal de perigo.

Mas não havia ali ninguém. Cuidadosamente, saiu do quarto e começou a subir as escadas.

Cric. Cric. Cric.

Cada passo denunciou a sua presença, e praguejou em silêncio e entredentes. Se estivesse alguém ali em cima, reparariam na sua aproximação. Agarrou o pé de cabra com um pouco mais de força conforme

subiu as escadas. Mais valia precaver-se, para depois não se lamentar, pelo que enfiou a cabeça na casa de banho e no quarto das traseiras — apenas um amator se deixa atacar pelas costas.

Satisfeito por não ser alvo de uma emboscada, virou a cara para o quarto da frente. O que quer que tivesse acontecido, o que quer que fosse, estava ali dentro. O ladrão inspirou profundamente e entrou no quarto às escuras.

6

Ela mergulhou cada vez mais fundo, com a água salobra a encher-lhe os ouvidos e as narinas. Encontrava-se bem abaixo da superfície e já a ficar sem ar, mas não vacilou. Linhas estranhas iluminaram o leito do lago e deixaram-no diáfano e belo, tentando-a a ir ainda mais fundo.

Agora, abria caminho com as mãos por entre a densa vegetação agarrada ao fundo. A visibilidade era escassa e a progressão, complicada; sentia os pulmões a arder. Disseram que ele estava ali, por isso, onde é que se metera? Havia um carrinho de bebé enferrujado, um velho carrinho de compras, até um bidão de óleo, mas nenhum sinal de...

De repente, ela percebeu que fora enganada. Ele não se encontrava ali. Deu a volta para regressar à superfície. Mas não saiu do sítio. Esticou o pescoço e olhou em volta, constatando que tinha a perna esquerda presa à vegetação. Esperneou com toda a força, mas as ervas não cederam. Estava a começar a sentir-se desfalecer, já não se ia aguentar muito tempo, mas obrigou-se a descontraí-la, deixando que o seu corpo assentasse no fundo. Seria mais proveitoso tentar libertar-se calmamente do que esperar e meter-se num aperto ainda maior. Obrigando a cabeça a baixar, escavou as ervas sem fim, agarrando-as com força. Depois, parou.

E gritou — com o seu último resquício de ar a escapar-se-lhe da boca. Não eram ervas que a prendiam. Era uma mão.

Arquejando, Charlie sentou-se de repente na cama. Olhou descontroladamente em volta, tentando assimilar a estranha disjunção entre as ervas que a haviam engolido e a cama acolhedora onde agora se encontrava. Passou as mãos pelo corpo, convencida de que o pijama estaria completamente encharcado, mas deu por si absolutamente seca, a não ser por uma película de suor na testa. Conforme a sua respiração

começou a estabilizar, percebeu que se tratava apenas de um pesadelo, apenas um maldito pesadelo.

Esforçando-se por se acalmar, virou-se para observar Steve. Ele sempre fora de dormir profundamente; sentiu-se agradada por vê-lo a ressonar suavemente ao seu lado. Descendo sorrateiramente da cama, pegou no roupão e saiu do quarto em bicos de pés.

Atravessou o patamar e dirigiu-se às escadas. Passou apressadamente diante da porta do segundo quarto de dormir e depois reпреendeu-se a si própria por fazê-lo. Assim que souberam que ela estava grávida, Steve e Charlie conversaram sobre as alterações que iriam fazer naquele quarto — substituir a cama de casal por um berço e uma cadeira, cobrir as paredes brancas com papel amarelo-vivo, pôr tapetes grossos no chão —, mas, naturalmente, todo esse entusiasmo resultara em nada.

O bebê deles morreria no ventre de Charlie durante o encarceramento dela com Mark. Quando a transportaram para o hospital, ela já sabia, mas ainda teve esperança de que os médicos não confirmassem os seus piores receios. Não o fizeram. Steve chorara quando ela lhe contou. Foi a primeira vez que Charlie o viu chorar, embora não tenha sido a última. Houve alturas, nos meses seguintes, em que Charlie achou que tinha as coisas controladas, que de alguma forma conseguiria dominar todo aquele horror, mas depois viria a dar por si a hesitar em entrar no segundo quarto, com medo de imaginar o quarto de bebê que tinham idealizado juntos, e então percebeu que as feridas ainda estavam em carne viva.

Desceu as escadas até à cozinha e ligou a chaleira. Ultimamente, andava a sonhar muito. Conforme se aproximava a data do regresso ao trabalho, a sua ansiedade começou a libertar-se através de pesadelos. Manteve aquilo só para si, empenhada em não dar a Steve mais municiões.

— Não consegues dormir?

Steve aparecera na cozinha e estava a olhar para ela. Charlie abanou a cabeça.

— Estás nervosa?

— O que é que achas? — ripostou, tentando manter um tom de voz ligeiro.

— Anda cá.

Ele abriu os braços e ela, grata, aconchegou-se nele.

— Vamos levar isto um dia de cada vez — prosseguiu ele. — Sei que vais safar-te muito bem, que vais chegar lá... Mas, se alguma vez achares que é demasiado, ou que não é a coisa certa a fazer, podemos voltar a pensar no assunto. Ninguém te vai levar a mal. Está bem?

Charlie assentiu com a cabeça. Sentia-se imensamente grata pelo apoio, pela capacidade dele de lhe *perdoar*, mas a determinação de Steve em levá-la a abandonar o emprego exasperava-a. Ela compreendia porque é que ele agora odiava a polícia, o trabalho dela, as pessoas horríveis que andavam pelo mundo, e muitas vezes pensou em dar atenção ao conselho dele e pura e simplesmente afastar-se. Mas e depois? Uma vida inteira a saber que fora derrotada? Obrigada a afastar-se. Destroçada. O facto de Helen Grace ter regressado ao trabalho um mês após a morte de Marianne servira apenas para deitar mais achas para a fogueira.

Portanto, Charlie aplicara-se de alma e coração, insistindo que regressaria ao trabalho assim que terminasse o período de baixa. A polícia de Hampshire revelara-se generosa com ela, dera-lhe todo o apoio possível, e estava na hora de retribuir de alguma forma.

Esquecendo o assunto, preparou café para ambos — já não valia a pena regressar à cama. A água a ferver jorrou erraticamente sobre as canecas, espalhando-se pelas bordas. Irritada, Charlie fitou acusadoramente a chaleira, mas a culpada era a sua mão direita. Ficou espantada por ver o quanto tremia. Devolveu rapidamente a chaleira ao suporte, rezando para que Steve não tivesse visto.

— Hoje dispenso o café. Acho que vou apenas tomar um duche e correr.

Virou costas para sair, mas Steve deteve-a, mais uma vez envolvendo-a com os seus grandes braços.

— Tens a *certeza* quanto a isto, Charlie? — perguntou-lhe, com o olhar fixo no dela.

Após uma breve pausa, Charlie respondeu:

— Sim, sem dúvida.

E, dito aquilo, foi-se embora. No entanto, ao subir rapidamente as escadas para ir tomar um duche, ficou bem ciente de que o seu audaz otimismo não enganava ninguém, muito menos a ela.

— Não a quero.
 — Já discutimos isto, Helen. A decisão está tomada.
 — Então, faça com que deixe de estar. Não posso ser mais clara: não a quero de volta.

O tom de Helen era impiedoso e obstinado. Por norma, não seria tão agressiva com um seu superior, mas naquela matéria sentia-se demasiado empenhada para recuar.

— Há inúmeros bons detetives por aí, basta escolher. Já tenho a equipa formada e a Charlie pode ir para Portsmouth, Bournemouth, um sítio qualquer. Uma mudança de ares pode fazer-lhe bem.

— Sei que é difícil para si e compreendo, mas a Charlie tem tanto direito como a Helen de aqui estar. Trabalhe com ela, é uma boa agente.

Helen travou a sua resposta instintiva — ser raptada por Marianne não fora o melhor momento de Charlie — e ponderou o seu passo seguinte. A detetive-superintendente Ceri Harwood substituíra Whittaker, caído em desgraça, e já impunha a sua presença. Era uma chefe de esquadra de um tipo diferente do de Whittaker: enquanto ele se revelara irascível, agressivo, mas muitas vezes bem-humorado, ela era tranquila, uma comunicadora nata e sem um pingão de sentido de humor.

Alta, elegante e atraente, era conhecida por ter um par de mãos seguro e mostrara-se brilhante por onde quer que tivesse passado.

Parecia ser popular, mas Helen achou complexo aproximar-se dela, não só por terem muito pouco em comum — Harwood era casada e tinha filhos — mas principalmente por não terem um passado juntas. Whittaker já há muito que estava em Southampton e sempre encarara Helen como sua protegida, ajudando-a a subir nas fileiras. Por parte de Harwood, não haveria lugar para tal benevolência. Por norma, não permanecia muito tempo no mesmo lugar e, de qualquer modo, não era do tipo de ter preferidos. O seu forte era manter as coisas estáveis e

agradáveis. Helen sabia que fora isso que a levava a ser destacada para ali. Um detetive-superintendente caído em desgraça, uma inspetora-detetive que abatera a tiro uma principal suspeita e um detetive que se suicidara para que a sua parceira não morresse à fome: uma triste barafunda e, como seria de esperar, a comunicação social não estivera com meias-medidas no tratamento dado ao caso. Emilia Garanita, do *Southampton Evening News*, alimentara o assunto ao longo de semanas, tal como a imprensa nacional. Naquelas circunstâncias, seria de prever que Helen nunca fosse promovida para o cargo deixado vago por Whittaker. Permitiram-lhe que mantivesse o trabalho, o que, aparentemente, o comissário da polícia achou que era bem mais do que um ato generoso. Helen tinha noção disso e compreendeu a situação, mas ainda a deixava irritada. Aquelas pessoas *sabiam* o que ela se vira obrigada a fazer. Sabiam que ela matara a sua própria irmã para pôr cobro aos assassínios e ainda assim continuavam a tratá-la como uma menina malcomportada.

— Pelo menos deixe-me falar com ela — tentou Helen. — E se achar que conseguimos trabalhar juntas, talvez então possamos...

— Helen, eu quero mesmo que sejamos amigas — interrompeu-a Harwood com destreza — e acho que é um pouco prematuro no nosso relacionamento eu dar-lhe uma ordem, por isso vou pedir-lhe amavelmente para desta vez ceder. Sei que a Helen e a Charlie têm questões por resolver, sei que era próxima do detetive Fuller, mas tem de ver isto de uma perspetiva mais abrangente. As pessoas lá fora acham que você e a Charlie são umas *heroínas* por terem travado a Marianne. E, a meu ver, é correto que assim seja, e não quero fazer nada que mine essa perceção. Poderíamos ter suspenso, transferido ou demitido qualquer uma de vocês, mas isso não teria sido correto. Assim como não seria correto agora desfazer esta equipa de sucesso precisamente na altura em que a Charlie regressa ao trabalho. Passaria uma mensagem completamente errada. Não, o melhor a fazer é dar as boas-vindas à Charlie, aplaudir-vos a ambas pelo que fizeram juntas e deixar que façam o vosso trabalho.

Helen percebeu que não valia a pena dar seguimento à discussão. No seu modo engenhoso de utilizar as palavras, Harwood lembrara-lhe o quanto ela estivera próximo de ser demitida. Durante o inquérito público que se seguiu à investigação inicial da Comissão Independente de Inquérito à Polícia aos disparos sobre Marianne, houve muitos que

defenderam que lhe deveria ser retirado o distintivo. Por ter agido sozinha na perseguição a Marianne, por deliberadamente ter enganado colegas agentes, por ter abatido a tiro uma suspeita sem avisar formalmente — e a lista seguia por aí fora. Se o tivessem desejado, poderiam ter acabado com a carreira dela — e ela ficou surpreendida e grata por não o terem feito —, mas sabia que estava simplesmente em «liberdade condicional». As «acusações» contra ela constavam ainda dos ficheiros. A partir de então, teria de escolher cuidadosamente as batalhas a travar.

Helen suavizou o seu tom o mais graciosamente que pôde e saiu do gabinete de Harwood. Sabia que estava a ser injusta com Charlie, que deveria dar-lhe mais apoio, mas a verdade é que não queria voltar a vê-la. Seria como estar diante de Mark. Ou de Marianne. E, apesar de toda a força demonstrada nos últimos meses, Helen não se sentia capaz de enfrentar isso.

Regressando para junto da Equipa de Incidentes Graves, Helen apercebeu-se de imediato da excitação que lá havia. Era de manhã cedo, mas o local já parecia mais agitado do que o habitual. A equipa estivera a aguardá-la e o detetive Fortune aproximou-se rapidamente para a pôr de imediato ao corrente de tudo.

— Precisam da sua presença em Empress Road, chefe.

Helen já estava a pegar no casaco.

— O que é que se passa?

— Um homicídio. Reportado por um dos drogados locais há cerca de uma hora. A polícia de giro já lá esteve, mas acho que é melhor ir lá dar uma olhadela.

Helen já se sentia nervosa. Havia algo na voz do detetive que já não pressentia desde o caso de Marianne.

Medo.

Abdicando da sua moto, Helen dirigiu-se de carro ao local, na companhia do detetive Tony Bridges. Gostava dele; era um polícia diligente e empenhado em quem se habituara a confiar. Quem quer que substituísse Mark como novo sargento-detetive teria sempre de se esforçar bastante para conquistar a equipa, mas Tony conseguira-o. Fora muito direto, nunca se esquivando ao embaraço de aparentemente lucrar com a morte de Mark. A sua humildade e sensibilidade caíram bem junto dos outros e agora encarnava o papel com muito à-vontade.

A sua relação com Helen era mais complexa. Não só por causa do que ela sentia por Mark mas porque Bridges estivera presente quando Helen disparara sobre a irmã. Ele vira tudo: Marianne a tombar no chão e as fúteis tentativas de reanimação de Helen. Tony vira a sua chefe no seu estado mais frágil e vulnerável, e isso seria sempre uma fonte de desconforto para os dois. Por outro lado, o testemunho de Tony à Comissão Independente de Inquérito à Polícia, durante o qual ele insistira que Helen não tivera outra hipótese senão abater Marianne, fora uma excelente ajuda para ela evitar a despromoção ou a dispensa. Na altura, Helen agradecera-lhe, mas a dívida que tinha para com ele nunca mais fora mencionada. Era preciso esquecer e seguir em frente, caso contrário a cadeia de comando ficaria comprometida. O que interessava é que agora trabalhavam como quaisquer inspetor-detetive e sargento-detetive, mas na verdade teriam sempre a uni-los um laço forjado em batalha.

Passaram a grande velocidade em frente ao hospital, com as luzes azuis a piscar, antes de cortarem para uma rua lateral estreita e acederem à zona industrial de Empress Road. Não foi difícil perceber para onde se dirigiam. A entrada da casa em ruínas estava isolada e já havia uma série de curiosos a tentar ver alguma coisa. Helen abriu caminho aos encontrões, com o crachá de identificação erguido e Tony

a seguir logo atrás. Houve uma breve troca de palavras com o polícia no local, enquanto se equipavam, e depois entraram.

Helen subiu os degraus dois a dois. Por muito que já tenha passado, uma pessoa nunca se habitua à violência. Helen não gostou das expressões dos polícias de guarda — parecia que os olhos deles tinham sido abertos à força — e queria despachar aquilo o mais rapidamente possível.

O acanhado quarto da frente estava cheio com o pessoal da equipa de peritos forenses, e ela solicitou de imediato que fizessem uma pausa para que ela e Tony pudessem ver bem a vítima. Nestas ocasiões, uma pessoa tem de se manter firme, travando desde logo a repugnância, caso contrário a situação tornar-se-ia insuportável e as primeiras impressões ficariam comprometidas. A vítima era um homem, branco, provavelmente entre os 40 e os 50 anos. Encontrava-se despido, e não havia sinal das suas roupas ou de quaisquer pertences. Os braços e pernas estavam muito bem apertados à armação de ferro da cama com o que parecia ser corda de escalada em nylon, e tinha uma espécie de capuz sobre a cabeça. Não era um verdadeiro capuz — parecia mais um saco de feltro daqueles que vêm com sapatos ou prendas de luxo —, mas estaria ali por algum motivo. Seria para sufocá-lo? Ou para ocultar a sua identidade? Em qualquer caso, era devastadoramente óbvio que não fora aquilo a matá-lo.

A parte superior do tronco fora aberta ao meio a partir do umbigo até à garganta e depois afastada à força para os lados para exhibir os órgãos. Ou o que restava deles. Helen engoliu em seco ao constatar que pelo menos um dos seus órgãos fora removido. Virou-se para Tony e deu com ele, pálido, a olhar para o fosso ensanguentado que em tempos fora o peito daquele homem. A vítima não fora apenas assassinada, fora destruída. Helen esforçou-se por conter uma pontada de pânico. Retirando uma caneta do bolso, agachou-se junto da vítima e levantou suavemente o rebordo do capuz para obter uma melhor visão do rosto.

Misericordiosamente, encontrava-se intacto e parecia estranhamente tranquilo, apesar do olhar vazio direcionado em desespero para o interior do saco. Helen não o reconheceu, por isso retirou a caneta, permitindo que o tecido retornasse à sua posição. Devolvendo a atenção ao corpo, o seu olhar recaiu sobre o edredão manchado, a poça de sangue coagulado no chão, o caminho até à porta. Os ferimentos do

homem pareciam recentes — teriam menos de um dia —, por isso, se houvesse ali vestígios do assassino, seriam recentes. Mas não havia nada, pelo menos nada que fosse evidente.

Contornando lentamente a cama, evitou um pombo morto e dirigiu-se à ponta mais distante do quarto. Havia uma janela entaipada. E já estaria assim há algum tempo, a julgar pelo aspeto dos pregos enferrujados. Uma casa abandonada numa zona esquecida de Southampton, sem janelas que lhe dessem acesso: o local perfeito para matar. Teria sido torturado primeiro? Era isso o que preocupava Helen. Os ferimentos da vítima eram tão invulgares, tão profundos, que alguém queria marcar posição com aquilo. Ou pior, estaria simplesmente a divertir-se. O que o teria levado a fazer aquilo? O que é que lhes teria *passado pela cabeça?*

Isso teria de esperar. Agora, o mais importante era atribuir um nome à vítima, para que recuperasse um pouco da sua dignidade. Helen chamou de novo os peritos forenses. Estava na altura de tirar fotografias e pôr a investigação em movimento.

Estava na altura de descobrir quem era aquele pobre homem.

A casa dos Matthews encontrava-se animada como de costume. As taças de papas de aveia tinham sido esvaziadas e limpas, os sacos da escola encontravam-se alinhados no vestíbulo e os gémeos vestiam o uniforme da escola. A mãe, Eileen, ralhou-lhes, como sempre fazia — era espantoso o tempo que aqueles rapazes andavam às voltas até se vestirem. Quando eram pequenos, adoravam o estatuto que lhes conferia o elegante uniforme escolar e não demoravam a vesti-lo, desesperados por mostrar um ar tão crescido e importante como as irmãs mais velhas. Mas agora que as raparigas já tinham saído de casa e os gémeos eram adolescentes, encaravam tudo aquilo como uma terrível chatice, adiando o máximo possível o inevitável. Se o pai estivesse por perto, ter-se-iam vestido rapidamente, mas, na presença de Eileen, eles davam luta — nesses dias, só com ameaças de lhes cortar a mesada é que ela os levava a fazer alguma coisa.

— Cinco minutos, rapazes. Daqui a cinco minutos temos de estar a sair de casa.

O tempo estava a contar. Daí a nada seria feita a chamada na preparatória de Kingswood, a escola que os rapazes frequentavam, e não convinha chegarem atrasados. A escola era muito rígida em termos de disciplina, enviando cartas curtas e secas aos pais caso se apercebessem de que costumavam chegar tarde ou eram pouco firmes. Eileen vivia apavorada com a possibilidade de receber tais cartas, apesar de nunca lhe ter chegado uma sequer às mãos. Em consequência disso, a rotina matinal era rigidamente planeada e, por norma, àquela hora estariam a sair pela porta. Mas naquele dia Eileen estava completamente às aranhas. Naquela manhã, as reprimendas aos rapazes deviam-se mais ao hábito do que a outra coisa.

Na noite anterior, Alan não voltara para casa. Eileen ficava sempre preocupada quando ele andava na rua depois do escurecer. Sabia que se devia a uma boa causa e que ele sentia que tinha o dever de ajudar

os menos afortunados, mas nunca se sabe quem — ou o quê — se pode encontrar. Havia má gente lá fora; bastava ler os jornais para se ter noção disso.

Normalmente, ele regressava por volta das 4h00 da manhã. Eileen fazia de conta que dormia, pois sabia que Alan não gostava que ela o esperasse acordada, mas na realidade ela não adormecia nem por um segundo até ele chegar a casa são e salvo. Pelas 6h00 da manhã, não aguentou mais e levantou-se para ligar para o telemóvel de Alan, mas foi direto para o voicemail. Pensou em deixar uma mensagem, mas depois achou melhor não o fazer. Ele regressaria dali a nada e iria acusá-la de se preocupar exageradamente. Preparou um pequeno-almoço para si, mas não conseguiu comê-lo, pelo que permaneceu intacto na bancada da cozinha. Onde é que ele estaria?

Os rapazes já estavam prontos e a olhar para ela. Aperceberam-se da sua ansiedade e não souberam se deveriam divertir-se ou preocupar-se. Aos 14 anos, eram a típica mistura de homem e criança, ansiando por serem independentes, adultos, até cínicos, mas também agarrados às rotinas familiares e à disciplina que os pais lhes impunham. Estavam à espera de sair, mas Eileen ainda se mostrava hesitante. Um forte instinto dizia-lhe para se aguentar, para esperar que o marido regressasse.

A campainha da porta tocou e Eileen correu até à entrada. Então o palerma esquecera-se da chave? Talvez tivesse sido assaltado. Seria mesmo dele, ajudar um vagabundo qualquer e em troca ficar sem a carteira... Composto-se, Eileen abriu calmamente a porta, com o seu melhor sorriso estampado no rosto.

Mas não estava lá ninguém. Olhou em volta à procura de Alan, de alguém, mas imperava o silêncio na rua. Seriam miúdos a pregar partidas idiotas.

— Surpreende-me que não tenham nada melhor para fazer — disse ela bem alto, amaldiçoando em silêncio as crianças malcriadas que viviam na ponta mais pobre da rua. Estava prestes a bater com a porta quando reparou na caixa. Uma caixa dos correios em cartão deixada na soleira da porta. Via-se uma etiqueta branca em cima onde se lia «Família Matthews» e depois o endereço deles, com erros e numa letra tremida e intrincada. Parecia uma espécie de presente, mas não era o aniversário de ninguém. Eileen enfiou mais uma vez a cabeça do lado de fora, à espera de ver o carteiro Simon ou uma carrinha dos correios estacionada junto ao passeio, mas não havia nada à vista.

Os rapazes aproximaram-se dela imediatamente e perguntaram se a podiam abrir, mas Eileen manteve-se firme. Seria *ela* a abri-la e, se fosse adequado, partilharia com eles do que se tratava. Eles não tinham tempo — *meu Deus, já são 8h40* —, mas era melhor abri-la já, para os rapazes sossegarem e depois seguir com a rotina matinal. De repente, Eileen repreendeu-se a si própria por estar a empatar e resolveu seguir em frente; se se despachassem, ainda poderiam chegar a tempo à escola.

Depois de retirar uma tesoura da gaveta da cozinha, fez um corte na fita-cola que mantinha a caixa fechada. Ao fazê-lo, o seu nariz enrugou-se: emanou desde o interior um odor intenso. Não seria capaz de dizer do que se tratava, mas não gostou. Seria algo industrial? Algo animal? Instintivamente, achou que deveria voltar a fechar a caixa e esperar pelo regresso de Alan, mas os rapazes estavam a pressioná-la para continuar a abrir... por isso, rangendo os dentes, abriu completamente a caixa.

E gritou. Não conseguia parar de gritar, apesar de os rapazes estarem nitidamente aterrorizados com o ruído. Chorosos, aproximaram-se rapidamente dela, mas ela afastou-os furiosamente. Perante a insistência deles, a implorar-lhe que lhes contasse o que se passava, ela pegou-lhes pelos colarinhos e arrastou-os à força para fora da divisão, gritando entretanto para que alguém os ajudasse, fosse quem fosse.

A assustadora caixa foi deixada na sala. O topo caiu vagarosamente para trás, revelando a legenda, «Demóniu», escrita em carmesim escuro na parte de baixo. Era a apresentação perfeita para o horrível conteúdo da caixa. No interior repousava, num ninho de jornais sujos, um coração humano.

— Onde é que estão os outros?
 Agarrando o ficheiro do seu caso, Charlie observou o gabinete da Equipa de Incidentes Graves. Era muito estranho estar de volta, mas a situação pareceu tornar-se ainda mais bizarra devido ao facto de o gabinete aparentar estar completamente deserto.

— Homicídio em Empress Road. A inspetora-detetive Grace levou para lá a maior parte da equipa — explicou o detetive Fortune, quase sem conseguir conter o seu descontentamento por ter sido deixado para trás. Era um polícia inteligente e consciencioso e um dos poucos agentes negros de serviço na Central de Southampton. Destinado a voos mais altos, Charlie sabia que estaria tremendamente irritado por ficar ali preso, a aparicá-la no regresso dela à ação. Charlie sentira-se nervosa ao entrar no edifício meia hora antes, e a ausência de um comité de boas-vindas ainda piorara as coisas. Seria um desprezo deliberado? Uma forma de fazer entender a Charlie que não era bem-vinda?

— O que é que sabemos sobre isto? — questionou Charlie, mostrando uma postura o mais profissional possível.

— Mulher da vida encontrada na mala de um carro. Os assassinos deram-lhe bem, o que de início dificultou bastante a identificação, mas o ADN resolveu tudo. Estava na base de dados. Encontra a lista de acusações dela na página três.

Charlie vasculhou o ficheiro. A rapariga assassinada — uma mulher polaca chamada Alexia Louszko — fora em vida espantosa, com um cabelo castanho-avermelhado escuro, diversos *piercings*, tatuagens e lábios grossos. Para quem gostasse de góticas, não haveria melhor. Mesmo na fotografia da polícia tinha um ar agressivamente sexual. As tatuagens eram todas relativas a feras mitológicas, dando-lhe uma natureza primitiva e animalésca.

— O último endereço conhecido é um apartamento junto a Bedford Place — informou o detetive Fortune, prestável.

— Então, vamos indo — reagiu Charlie, ignorando a avidez do colega de tomar sozinho conta do assunto.

— Conduzes tu ou conduzo eu?

A maioria das mulheres da vida vivia em St. Mary's ou em Portswood, misturando-se com estudantes, drogados e imigrantes ilegais. Portanto, o facto de Alexia viver em Bedford Place, junto às discotecas e aos bares mais chiques, era, só por si, interessante. Fora detida por prostituição há um ano, mas deveria ganhar um bom dinheiro para viver naquela zona cativante.

O interior do seu apartamento serviu apenas para reforçar essa ideia. Confrontado com um mandado de busca da polícia, o porteiro do edifício permitiu, com relutância, o acesso aos agentes da polícia e, enquanto o detetive Fortune o interrogava, Charlie fez uma inspeção ao apartamento. A decoração era recente, em *open space*, com mobiliário acessível mas na moda. Além do sofá de canto e do grande televisor plasma, havia uma mesa de vidro, uma máquina de café expresso e uma *jukebox* rétro. Que diabo, era mais agradável do que a casa de Charlie. Ganharia aquela rapariga o suficiente para todos aqueles adeços de classe média ou andaria alguém a sustentá-la? Um amante? Um chulo? Alguém que ela andasse a chantagear?

Ignorando a cozinha, Charlie dirigiu-se diretamente ao quarto. Era excepcionalmente arrumado e limpo. Calçando as suas luvas de látex, começou a inspecionar o espaço. Os guarda-vestidos estavam repletos de roupa, as gavetas, de roupa interior e material *bondage*, e a cama apresentava-se muito bem feita. Em cima da mesinha de cabeceira via-se um livro de bolso, de um autor polaco de que Charlie nunca ouvira falar. Era aquilo tudo o que havia dela?

A casa de banho revelou-se de pouco interesse, por isso Charlie dirigiu-se ao quarto anexo, sem janelas, que servia de lavandaria e pequeno escritório. Numa secretária já muito gasta, havia um telefone e um computador portátil barato. Charlie premiu o botão de ligar do computador. Fez um zumbido agressivo, como se estivesse a ganhar vida, mas o ecrã permaneceu resolutamente apagado. Charlie carregou em diversas teclas. Sem resultado.

— Tens um canivete suíço? — pediu ela ao detetive Fortune. Sabia que ele teria (embora, em teoria, não devesse ter), pois era desse tipo

de homem. Nada lhe agradava mais do que consertar uma máquina avariada em frente às colegas femininas. Era a versão moderna do homem das cavernas.

Retirando-lho das mãos, Charlie abriu a chave de fendas e com ela soltou os painéis na parte de trás do computador. Tal como esperara, a bateria encontrava-se no lugar, mas o disco rígido fora removido.

Portanto, o apartamento tinha sido alvo de uma *limpeza*. Desde que entrara ali, Charlie suspeitara de que fora tudo arrumado. Ninguém era assim tão organizado. Alguém que sabia que a polícia iria aparecer tinha passado o apartamento a pente fino, despojando-o de qualquer vestígio de Alexia, físico ou digital. O que andara ela a fazer para juntar tanto dinheiro? E porque é que havia alguém tão empenhado em ocultá-lo?

Já não valia a pena procurar nos lugares habituais. Agora, era uma questão de levantar armários e mesas, empurrar colchões e revirar os bolsos. Espreitar por baixo, atrás e por cima. Era muito semelhante a uma caça aos gambozinos, e Charlie teve de suportar uma sucessão de suspiros mal disfarçados por parte do colega — que estaria provavelmente a imaginar-se a partir cabeças em Empress Road —, mas, após duas horas e meia de busca diligente, a parelha fez uma pausa.

A cozinha tinha uma ilha com um balde do lixo embutido. O balde fora levantado e esvaziado, mas quem quer que o tivesse feito não reparara num pedaço de papel na base da gaveta. Deve ter deslizado entre a beira do balde do lixo e a parede da gaveta quando foi atirado lá para dentro e ali ficara desde então. Charlie puxou-o para fora.

Para sua surpresa, reparou tratar-se de um recibo. Pertencia a uma mulher chamada Agneska Suriav, que trabalhava num *health club* em Banister Park. Parecia oficial — com descontos para a Segurança Social e número de contribuinte — e era relativo a um bom salário mensal. Mas não fazia muito sentido. Quem era Agneska? Uma amiga de Alexia? Um nome falso dela? Gerou mais perguntas do que respostas, mas era um começo. Pela primeira vez em muito tempo, Charlie sentiu-se bem consigo própria. Talvez, afinal de contas, houvesse uma vida depois de Marianne.